



OS PRIMÓRDIOS DA CARTOGRAFIA GEPOLÍTICA EM PORTUGAL: O “ATLAS” DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL (1914-1918) DO JORNAL O COMÉRCIO DO PORTO¹

■ LUÍS MIGUEL MOREIRA

Departamento de Geografia da Universidade de Lisboa. Centro de Estudos Geográficos, IGOT – Universidade de Lisboa. Grupo de Trabajo de Historia de la Geografía, Geografía Histórica y Geografía Política del Instituto de Historiografía Julio Caro Baroja, Universidad Carlos III de Madrid.

Recebido em: 20/11/2021

Aprovado em: 14/05/2022



Resumo: A Primeira Guerra Mundial foi, muito provavelmente, o primeiro conflito globalmente mediatizado. De facto, as inovações técnicas no domínio da impressão de textos e imagens, os avanços na fotografia e nas tecnologias de comunicação e de informação, permitiam acompanhar os principais acontecimentos políticos e militares. Deste modo, ganharam relevo as ações de Propaganda, sobretudo por parte dos países beligerantes, que aproveitavam os jornais para fazerem chegar a sua mensagem ao Público. Neste particular, as fotografias e as imagens constituíram o suporte visual na divulgação das notícias sobre as frentes de batalha em constante mudança, fornecendo aos leitores mapas que mostravam as linhas de frente, os avanços e recuos das tropas e as alterações na Geografia Política deste conflito global. No caso português destaca-se o contributo do O Comércio do Porto, um jornal diário publicado na cidade do Porto que, desde o início do conflito, promoveu uma ampla cobertura jornalística, profusamente ilustrada com mapas e, em edições especiais, com reportagens fotográficas. Para além de cumprirem a sua função informativa, os mapas insertos no jornal portuense – de proveniência maioritariamente britânica – assumiram um papel de veículos de propaganda aliada, difundindo entre o público português um tipo especial de cartografia “sugestiva” e “geopolítica”, que haveria de conhecer o seu maior desenvolvimento

¹ Este texto constitui uma versão reformulada e atualizada, de um artigo originalmente redigido em inglês, apresentado no Congresso Internacional Portugal na Grande Guerra, organizado em Coimbra, em março de 2016.

nas décadas seguintes, até ao final da 2ª Guerra Mundial. Assim, neste texto, iremos proceder a uma análise aos mapas editados neste periódico, prestando atenção à sua tipologia e respetivas mensagens propagandísticas, procurando encontrar algumas das bases da embrionária reflexão geopolítica portuguesa.

Palavras chaves: cartografia geopolítica; Primeira Guerra Mundial; jornal; Portugal.

THE EARLY GEOPOLITICAL CARTOGRAPHY IN PORTUGAL: THE “ATLAS” OF THE FIRST WORLD WAR (1914-1918) FROM THE NEWSPAPER O COMÉRCIO DO PORTO

ABSTRACT: THE FIRST WORLD WAR WAS, MOST LIKELY, THE FIRST GLOBALLY MEDIATED CONFLICT. IN FACT, TECHNICAL INNOVATIONS IN TEXT AND IMAGE PRINTING, ADVANCES IN PHOTOGRAPHY, AND COMMUNICATION AND INFORMATION TECHNOLOGIES, MADE IT POSSIBLE TO FOLLOW THE MAIN POLITICAL AND MILITARY EVENTS. THUS, PROPAGANDA ACTIONS GAINED PROMINENCE, ESPECIALLY ON THE PART OF THE BELLIGERENT COUNTRIES, WHICH USED NEWSPAPERS TO CONVEY THEIR MESSAGES TO THE PUBLIC. IN THIS REGARD, PHOTOGRAPHS AND IMAGES SERVED AS VISUAL SUPPORT IN DISSEMINATING NEWS ABOUT THE EVER-CHANGING BATTLEFRONTS, PROVIDING READERS WITH MAPS THAT DEPICTED THE FRONTLINES, TROOP ADVANCES AND RETREATS, AND CHANGES IN THE POLITICAL GEOGRAPHY OF THIS GLOBAL CONFLICT. IN THE CASE OF PORTUGAL, WE CAN HIGHLIGHT THE CONTRIBUTION OF O COMÉRCIO DO PORTO, A DAILY NEWSPAPER PUBLISHED IN THE CITY OF PORTO. SINCE THE BEGINNING OF THE CONFLICT, IT PROVIDED EXTENSIVE JOURNALISTIC COVERAGE, RICHLY ILLUSTRATED WITH MAPS, AND, IN SPECIAL EDITIONS, PHOTOGRAPHIC REPORTS. IN ADDITION TO FULFILLING THEIR INFORMATIVE FUNCTION, THE MAPS IN THE PORTO NEWSPAPER – MOSTLY OF BRITISH ORIGIN – PLAYED A ROLE AS VEHICLES OF ALLIED PROPAGANDA, SPREADING A UNIQUE TYPE OF "SUGGESTIVE" AND "GEOPOLITICAL" CARTOGRAPHY AMONG THE PORTUGUESE PUBLIC. THIS KIND OF CARTOGRAPHY WOULD CONTINUE TO DEVELOP IN THE DECADES THAT FOLLOWED, UP TO THE END OF THE SECOND WORLD WAR. THEREFORE, IN THIS TEXT, WE WILL ANALYSE THE MAPS PUBLISHED IN THIS NEWSPAPER, PAYING ATTENTION TO THEIR TYPOLOGY AND RESPECTIVE PROPAGANDISTIC MESSAGES, SEEKING TO IDENTIFY SOME OF THE FOUNDATIONS OF PORTUGAL'S EMBRYONIC GEOPOLITICAL REFLECTION.

KEY-WORDS: GEOPOLITICAL CARTOGRAPHY; FIRST WORLD WAR; NEWSPAPER; PORTUGAL.

LES DÉBUTS DE LA CARTOGRAPHIE GÉOPOLITIQUE AU PORTUGAL : L'« ATLAS » DE LA PREMIÈRE GUERRE MONDIALE (1914-1918) DU JOURNAL O COMÉRCIO DO PORTO

RESUMÉ: LA PREMIÈRE GUERRE MONDIALE A PROBABLEMENT ÉTÉ LE PREMIER CONFLIT MÉDIATISÉ À L'ÉCHELLE MONDIALE. EN EFFET, LES INNOVATIONS TECHNIQUES DANS LE DOMAINE DE L'IMPRESSION DES TEXTES ET DES IMAGES, LES PROGRÈS DE LA PHOTOGRAPHIE ET DES TECHNOLOGIES DE LA COMMUNICATION ET DE L'INFORMATION, ONT PERMIS DE SUIVRE LES PRINCIPAUX ÉVÉNEMENTS POLITIQUES ET MILITAIRES. DE CETTE MANIÈRE, LES ACTIONS DE PROPAGANDE ONT GAGNÉ EN IMPORTANCE, NOTAMMENT DE LA PART DES PAYS BELLIGÉRANTS, QUI ONT PROFITÉ DES JOURNAUX POUR FAIRE PASSER LEUR MESSAGE AU PUBLIC. EN PARTICULIER, LES PHOTOGRAPHIES ET LES IMAGES ONT CONSTITUÉ UN SUPPORT VISUEL POUR DIFFUSER DES INFORMATIONS SUR LES FRONTS DE BATAILLE EN CONSTANTE ÉVOLUTION, MONTRANT AUX LECTEURS DES CARTES LES LIGNES DE FRONT, LES AVANCÉES ET LES RETRAITS DES TROUPES ET LES CHANGEMENTS DANS LA GÉOGRAPHIE POLITIQUE DE CE CONFLIT MONDIAL. DANS LE CAS PORTUGAIS, IL FAUT SOULIGNER LA CONTRIBUTION D'O COMÉRCIO DO PORTO, UN QUOTIDIEN PUBLIÉ DANS LA VILLE DE PORTO QUI, DEPUIS LE DÉBUT

DU CONFLIT, A PROMU UNE LARGE COUVERTURE JOURNALISTIQUE, ABONDAMMENT ILLUSTRÉE DE CARTES ET, DANS DES ÉDITIONS SPÉCIALES, DES RAPPORTS PHOTOGRAPHIQUES. EN PLUS DE REMPLIR LEUR FONCTION INFORMATIVE, LES CARTES INCLUSES DANS CE JOURNAL – D'ORIGINE PRINCIPALEMENT BRITANNIQUE – ONT ASSUMÉ LE RÔLE DE VÉHICULES DE PROPAGANDE ALLIÉS, DIFFUSANT PARMIS LE PUBLIC PORTUGAIS UN TYPE PARTICULIER DE CARTOGRAPHIE « SUGGESTIVE » ET « GÉOPOLITIQUE », QUI PERMETTRAIT DE CONNAÎTRE SON PLUS GRAND DÉVELOPPEMENT DANS LES DÉCENNIES SUIVANTES, JUSQU'À LA FIN DE LA SECONDE GUERRE MONDIALE. C'EST POURQUOI, DANS CE TEXTE, NOUS ANALYSERONS LES CARTES PUBLIÉES DANS CE JOURNAL, EN PRÊTANT ATTENTION À LEUR TYPOLOGIE ET AUX MESSAGES DE PROPAGANDE RESPECTIFS, EN CHERCHANT À TROUVER CERTAINES DES BASES DE LA RÉFLEXION GÉOPOLITIQUE PORTUGAISE EMBRYONNAIRE.

MOTS-CLÉS: CARTOGRAPHIE GÉOPOLITIQUE; PREMIÈRE GUERRE MONDIALE; JOURNAL; LE PORTUGAL.

Geopolítica, cartografia e poder

Numa perspectiva mais clássica, considera-se que o desenvolvimento do pensamento geopolítico moderno, incluindo a criação de um tipo próprio de cartografia, deve-se aos esforços e contributos do *Institut für Geopolitik*, fundado em Munique, em 1922 e dirigido pelo geógrafo Karl Haushofer, antigo oficial do Estado-maior alemão, que congregou vários colaboradores provenientes de diferentes áreas científicas, incluindo geógrafos como Otto Maul, Hermann Lautensach, Erich Obst, Fritz Hesse, entre outros (Korinman, 1990; Herb, 1997; Cairo, 2011, p. 337-345; Arcassa e Mourão, 2011; Lima, 2018).

Este Instituto iniciou uma “campanha” dirigida à opinião pública germânica com o desígnio de demonstrar que o Tratado de Paz de Versalhes de 1919 tinha sido injusto para com a Alemanha, e que os territórios que esta se viu forçada a ceder representavam um desmembramento do organismo maior que era o “território nacional alemão”. Através da produção de “mapas geopolíticos”, os seus colaboradores procuraram demonstrar que alguns dos territórios perdidos deveriam continuar ligados à Alemanha, porque existia entre ambos uma efetiva ligação de “sangue e solo”, à qual se acrescentava uma ligação cultural que se materializava, por exemplo, no uso da língua alemã.

A edição da revista *Zeitschrift für Geopolitik* permitiu divulgar e difundir estas concepções políticas e embora se dirigisse a um público esclarecido e influente, particularmente o professorado alemão, também podia chegar ao grande público (A. B. Silva, 2003, p.12), contribuindo para uma “popularização” da geopolítica, assim se formalizando a passagem de uma Geopolítica formal e académica, para uma outra de cariz popular, dirigida ao grande público (O’Tuathail e Dalby, 1998).

Como é do conhecimento geral, a chegada ao Poder pelo partido Nazi, a partir de 1933, condicionou a atuação do *Institut* e fundiu as suas concepções geopolíticas com a propaganda oficial do regime o que, no final do conflito, contribuiu para o descrédito da disciplina e o seu relativo abandono ao longo das décadas seguintes (Claval, 1994; Defarges, 2003; Pezarat Correia, 2004; Freitas, 2004).

Ao longo das décadas de 1920 e 1930, muitas vezes seguindo de perto o exemplo alemão, a geopolítica também se desenvolveu, entre outros, nos países fascistas do Sul da Europa e na América Latina (Boria, 2008, p. 278-308; Cairo, 2006, p. 367-395; Bessa e Dias, 2007).

Neste texto pretende-se analisar os mapas difundidos na imprensa periódica portuguesa, mais concretamente no jornal *O Comércio do Porto*, durante a Primeira Guerra Mundial. Assim, numa perspetiva da Geopolítica Crítica, procuraremos identificar os discursos geopolíticos veiculados pela imprensa, através do uso de mapas especiais, que se revelaram úteis para a criação e difusão de imagens geográficas que legitimaram a ação dos governos e que anteciparam, a ação da *geopolitik* alemã (Novaes, 2013).

Procuramos, deste modo, identificar os primórdios do uso de mapas geopolíticos em Portugal e perceber o seu contributo para a representação gráfica das concepções geopolíticas portuguesas, a partir da análise de alguns exemplares publicados naquele diário.

Portugal e a Grande Guerra

Quando o Império Austro-húngaro declarou guerra à Sérvia em 28 de Julho de 1914, um complexo sistema de alianças e de tratados militares estabelecidos entre as principais potências europeias arrastaram-nas para uma guerra que se previa de curta duração e que serviria para redefinir uma nova ordem geopolítica. Assim, nas semanas subsequentes, enquanto os beligerantes preparavam a logística para iniciarem os confrontos, outras nações declaravam a sua neutralidade.

Portugal, embora mantendo uma posição neutral, deixava antever uma participação no conflito, sobretudo num possível teatro de guerra africano, em virtude da proximidade entre colónias portuguesas e alemãs e que já haviam provocado conflitos e tensões fronteiriças pois, pelo menos desde os finais do século XIX, a Alemanha já havia manifestado vontade de aumentar o seu império africano, absorvendo as colónias

portuguesas (ou parte delas), muito especialmente Angola e Moçambique que confinavam, respetivamente, com os territórios do Sudoeste Africano e da África Oriental alemã. Era esse, também, o desejo do governo português da época, que defendia uma posição de beligerância, pois acreditava daí poder retirar inúmeros benefícios diplomáticos, nomeadamente o reconhecimento externo da ainda jovem República; a defesa da soberania portuguesa em África; o reforço da aliança britânica e o isolamento diplomático da Espanha neutral, com o objetivo de afastar o omnipresente “perigo espanhol” (Teixeira, 1996; Torre Gómez, 1998).

Internamente, a mobilização nacional contra um inimigo comum poderia contribuir para a formação de uma “União Nacional”, reunindo as diferentes facções republicanas e silenciando a oposição monárquica (Curado, 2013). Em todo o caso, ficava claro que a participação portuguesa só seria efetivada no quadro da Aliança Anglo-Portuguesa.

Assim, nas primeiras semanas do conflito, o governo mobilizou esforços na preparação de duas expedições militares, uma ao sul de Angola e outra para a fronteira norte de Moçambique (partiram a 11 de setembro de 1914), reforçadas ao longo dos anos seguintes, até porque, sobretudo na África Oriental a guerra prolongou-se até aos finais de 1918. Numa primeira fase, o envio de tropas metropolitanas para as colónias fez de Portugal um estado beligerante em África e neutro na Europa, mas a necessidade da defesa das colónias africanas era, aparentemente, um tema relativamente consensual na sociedade.

Entretanto, ainda no decorrer do ano de 1914, na sequência de um pedido de material de artilharia por parte do governo francês, prontamente satisfeito com a devida anuência britânica, o governo equacionou o envio de tropas para a frente ocidental. Contudo, por motivos vários, este cenário só foi concretizado a partir de 1916, após a declaração de guerra por parte da Alemanha – na sequência da apreensão dos navios alemães (e respetiva carga), que estavam estacionados nos portos portugueses –, tendo o Corpo Expedicionário Português (C.E.P.) chegado à Flandres francesa em 1917 (Muñoz, 2009, p. 68-72).

Mapas na imprensa escrita portuguesa: antecedentes

O primeiro grande conflito bélico do século XX, opondo as principais potências mundiais foi amplamente acompanhado pelos principais órgãos de comunicação de todo

o mundo. A guerra, pela sua dimensão “industrial” e total, desenvolvida em terra, na água e no ar, foi também acompanhada pelos diversos serviços de propaganda, no sentido de manter o espírito combativo internamente e minar o moral dos adversários. Em quase todos os países beligerantes foram criados gabinetes específicos que se dedicavam ao controlo e manipulação da opinião pública através da propaganda oficial - recorrendo a textos, cartazes, postais, filmes, fotografias, etc. (Bortulucce, 2010, p.319-333) -, assim como do controlo das notícias e da imprensa escrita, filtrando as notícias das diversas frentes a partir do Estado-Maior ou, como no caso português, recorrendo às leis da censura para limitar a livre expressão (Stuart, 1920; Marquis, 1978, pp. 467-498; Gertz, 2009; Carvalho, s/d).

Neste contexto, o público português desde cedo se interessou pelos acontecimentos políticos e militares que marcaram o conflito, ainda que a sociedade se mostrasse bastante dividida: uma facção importante do movimento republicano adotou uma posição de beligerância, mas outras, assim como a oposição monárquica e amplos setores do Exército, eram abertamente contra a participação militar portuguesa no teatro de guerra europeu (Curado, 2013). Assim, as notícias que chegavam das diversas frentes de batalha, eram acompanhadas com interesse e usadas para sustentarem os argumentos tanto daqueles que advogavam a beligerância como dos opositoristas (Morais, 2013).

Em 1914 cerca de 70 por cento da população portuguesa era analfabeta, algo que preocupava os governantes republicanos que tomaram sucessivas medidas no sentido de inverterem esta situação. Não obstante, o número de jornais em circulação e, conseqüentemente, de leitores, aumentou de forma regular desde o início do século XX, acompanhando uma tendência que se verificava nos demais países europeus e mundiais (Pereira, 2012).

Desta forma, as notícias veiculadas na imprensa periódica atingiam públicos cada vez mais alargados pois, mais do que o mero leitor individual, mediante uma “socialização” da leitura dos periódicos em espaços públicos, outras pessoas, mesmo que analfabetas, acediam aos conteúdos noticiosos (Peixinho, 2009, pp. 2826 – 2840). Em Portugal, uma das medidas tomadas por alguns jornais que se debatiam com a falta de papel, em virtude das restrições comerciais durante o período da guerra, foi a de criar pontos de leitura públicos onde as notícias dos principais eventos militares eram atualizadas e, muitas vezes, ilustradas com um mapa (Marques, 2014, p. 294).

Imprensa, Opinião Pública e Propaganda: *O Comércio do Porto*, 1914-1918

A partir do último quartel do século XIX, à medida que as técnicas e as tecnologias de gravação e de impressão conheceram importantes avanços, o uso de mapas para localizar os conteúdos noticiosos tornou-se cada vez mais frequente na imprensa periódica portuguesa (Sousa, 2020). Geralmente os mapas acompanhavam notícias de carácter político-militar ou colonial, como foram os casos da Conferência de Berlim (1885) – sobre a repartição colonial de África; o Ultimato Britânico (1890), colocando fim às reivindicações portuguesas na África Austral ou as Incursões Monárquicas (1911-1912), uma breve guerra civil ocorrida na fronteira norte de Portugal, com o intuito de restabelecer o regime monárquico, derrubado em 1910 (Moreira, 2019).

O jornal *O Comércio do Porto* foi fundado na cidade do Porto, em 1854, por Manuel Carqueja e Henrique Carlos de Miranda². Inicialmente constituiu-se como um jornal publicista ao serviço da Associação Comercial do Porto, privilegiando informações de carácter económico, comercial e financeiro, que atraía leitores oriundos das famílias burguesas da cidade ou das abastadas famílias rurais do interior norte do país, o que lhe permitiu alcançar um sucesso editorial desde o primeiro número.

Gradualmente foi adquirindo um conteúdo mais noticioso, permitindo-lhe chegar a um público mais vasto e variado, sobretudo a partir do início do século XX, altura em que o jornal iniciou um importante processo de modernização gráfica, sendo, em 1914, um dos mais influentes jornais da cidade do Porto e da sua região (Lima, 2008, p. 81-84 e 285-294).

Nesta época contava já com uma importante rede de colaboradores e de correspondentes, quer interna, incluindo as colónias, quer externa, nas principais cidades da Europa e no Brasil, onde residia uma importante comunidade portuguesa, principalmente no Rio de Janeiro. Esta rede de informação era complementada com as ligações às principais agências noticiosas europeias, nomeadamente a Havas e a Reuters, que, através da telegrafia (com e sem fio), enviavam diariamente as principais novidades.

Em todo o caso, como o jornal não enviou nenhum correspondente para qualquer um dos três teatros de operações onde atuavam soldados portugueses, outra importante fonte de informação eram os jornais estrangeiros enviados pelo correio pelos seus colaboradores e correspondentes. De forma regular, o *O Comércio do Porto*, divulgava

² Optamos pela grafia atual “Comércio” em vez da original “Commercio”.

notícias publicadas pelo *Daily Telegraph*, *Times*, *Daily Chronicle*, *Pall Mall Gazette*, *Illustration e L'Humanité*, entre outros títulos, pelo que, desde o início revelou uma proximidade com a causa aliada, facto a que não deve ser alheio os interesses comerciais britânicos na cidade e a própria existência de uma prestigiosa “comunidade inglesa” (Araújo, 2015, p. 145-159).

A “área de influência” do jornal pode ser aferida pela lista dos locais onde era possível encontrar *O Comércio do Porto*, publicitada pelo próprio: Porto, Lisboa, Rio de Janeiro, Paris, Londres, Davos, Bruxelas, Madrid, Vigo, Pau e Saint Jean de Luz (*O Comercio do Porto*, 11/02/1915). Como se constata, no início do conflito, o jornal estava apto para fazer eco das principais movimentações políticas e militares.

A primeira notícia dando conta de possíveis movimentações militares data de 28 de Julho de 1914 e ocupava, apenas, uma pequena parte da primeira das três folhas que compunham o exemplar do jornal. Desde então, à semelhança da restante imprensa periódica nacional, a guerra passou a ter o maior destaque diário, fazendo aumentar o número de folhas dos exemplares.

Para acompanhar o conflito e, ao mesmo tempo, expandir e fidelizar os seus leitores, o *O Comércio do Porto* preparou uma estratégia que passava por incluir crónicas e colunas diárias sobre a guerra (“Eccos da Guerra”, “No Theatro da Guerra”, “A Guerra”, “Conflagração”); a edição de um suplemento semanal (à segunda), publicandose todos os telegramas recebidos do estrangeiro (*O Comercio do Porto*, 29/09/1914); a criação de uma assinatura mensal do jornal (*O Comercio do Porto*, 12/08/1914) e o lançamento de um serviço de informação por telefone ou telégrafo (*O Comercio do Porto*, 09/09/1914).

A existência de uma coluna dedicada a dar notícias da Alemanha, quer através do seu correspondente em Berlim (Dr. Eduard Engel), ou através de telegramas e do envio de jornais alemães, permitia, nas palavras do jornal “equilibrar as informações recebidas, em Portugal, de outras origens” (*O Comercio do Porto*, 25/08/1914), e contrabalançar a clara tendência pró-aliada do jornal. Efetivamente, no dia 1 de janeiro de 1915, o jornal anunciava que o governo determinara a apreensão de todos os manuscritos e impressos, vindos de Espanha, com informações favoráveis aos alemães (*O Comercio do Porto*, 01/01/1915).

Cartografia (e) Geopolítica: o “atlas” da Grande Guerra

A utilização de mapas para ilustrar a Grande Guerra não constituiu uma novidade para a imprensa portuguesa. De facto, todos os principais jornais e revistas, utilizaram mapas para contextualizar, no espaço, as principais movimentações militares nos diferentes teatros de operações (Sousa, 2020)³. Estes mapas eram, quase sempre, de origem estrangeira e serviam para familiarizar os leitores com os nomes dos locais onde se travavam as batalhas, sobretudo no continente europeu. Apenas os mapas que ilustravam a participação do exército português em Angola revelavam uma origem nacional.

Isto mesmo pode ser aferido pela comparação entre o mesmo mapa estrangeiro publicado pelo *Diário de Notícias* e *O Comércio do Porto* (Figura 1), sendo este último mais cuidadoso na tradução dos topónimos, em acrescentar uma escala e uma legenda muito mais esclarecedora sobre a importância militar do fenómeno que está figurado.

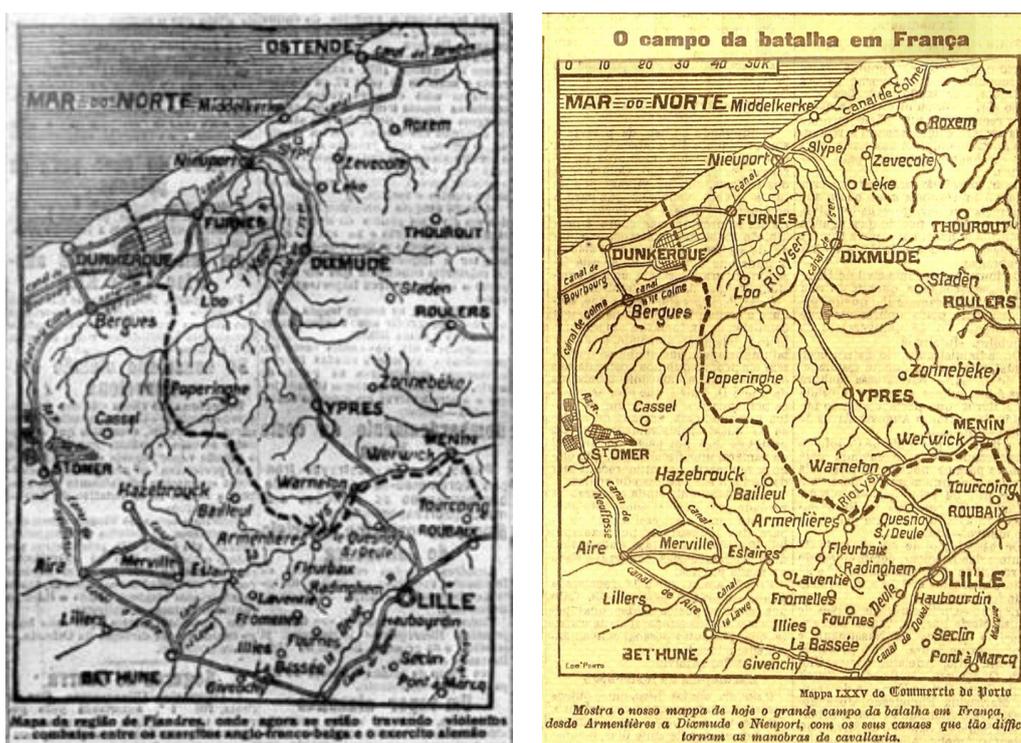


Figura 1: À esquerda mapa publicado no *Diário de Notícias* em 29/10/1914 e à direita o mesmo mapa publicado pelo *O Comércio do Porto*, em 30/10/1914

Pela quantidade de mapas publicados e, sobretudo, pelas suas características e tipologias, foi a campanha cartográfica do *O Comércio do Porto* aquela que mais se distinguiu, pelo menos, nos primeiros meses de guerra.

³ Nesta análise comparativa, foram analisados os mapas publicados nos jornais *O Século*, *A Capital* e *Diário de Notícias*, assim como a revista *Ilustração Portuguesa*.

De facto, a direção do jornal recorreu ao uso de mapas como estratégia para atrair mais leitores e, conseqüentemente, aumentar as vendas. Assim, uma das primeiras iniciativas, lançada a partir de 20 de agosto de 1914, foi a de editar um mapa “em papel especial”, intitulado *Theatro da Guerra – Fronteira belga-alemã*, com a indicação de que era “indispensável para seguir as operações”; o mapa constituía uma oferta para os assinantes, podendo o público adquiri-lo por 20 réis (*O Comercio do Porto*, 20/08/1914). Esta campanha seria renovada em janeiro de 1915 e janeiro de 1916; em outubro de 1915, por forma a assinalar o primeiro ano da Grande Guerra, o jornal oferecia “aos assinantes que o requisitem por escrito, um mapa a duas cores, para ser afixado na parede”, possibilidade que, ao longo das semanas seguintes, se vai estender ao público por um preço de 200 réis (*O Comercio do Porto*, 24/10/1915).

Para além destas edições especiais, o jornal dispunha de um mapa mural, em exposição pública onde, “dia a dia, vão sendo indicadas as phases da guerra, por meio de pequenas bandeiras”, e que concentrava as atenções do público portuense (*O Comercio do Porto*, 16/08/1914). Aliás, a existência de vários anúncios no jornal, advertindo a venda de mapas, quer da Europa, quer da África Austral, revelam que o público portuense estava, cada vez mais, familiarizado com imagens cartográficas.

Em jeito de balanço sobre a cobertura da Guerra no ano de 1915, a direção do jornal anunciava, na edição do dia 1 de janeiro de 1916, que “o serviço de informação do Comercio do Porto sobre a guerra, feito com telegramas, muitas vezes urgentes, cartas de correspondentes especiaes, mapas e planos de combates, tem merecido o maior apreço”.

Em todo o caso, o ponto central de toda esta campanha cartográfica lançada pelo *O Comercio do Porto*, foi a publicação de 210 mapas, entre 30 de julho de 1914 e 17 de novembro de 1918, distribuídos de forma desigual, ao longo dos cerca de quatro anos e meio de guerra. Verifica-se que, se nos primeiros seis meses de guerra, durante o ano de 1914, foram publicados 108 mapas, a difusão nos anos seguintes diminuiu acentuadamente: nos anos de 1915 e 1916, registaram-se 44 e 42 mapas, respetivamente; em 1917, foram publicados apenas 13 mapas e em 1918, somente 3.⁴

⁴ O último exemplar publicado é o número 215, contudo, só conseguimos identificar 210. A pesquisa dos diferentes exemplares deste periódico decorreu, numa primeira fase, entre 1998 e 1999, na Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no contexto de elaboração de um trabalho, ainda na fase da graduação e, numa segunda fase, entre 2014 e 2015, no Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner, em Vila Nova de Gaia.

Esta quebra acentuada entre 1916 e 1918, poderá relacionar-se tanto com a publicação de sucessivas leis de censura pelos diferentes governos republicanos, sobretudo a partir do momento da entrada de Portugal na Guerra ao lado dos aliados e, muito especialmente, após o envio de tropas para o teatro de guerra da Flandres, em 1917, assim como com a progressiva carestia e, até falta de papel.

Efetivamente, desde novembro de 1914, existia censura ministerial de forma a controlar as notícias sobre as forças militares portuguesas que não tivessem origem oficial (Decreto nº 1117). A 21 de abril de 1916, *O Comércio do Porto* noticiava que o governo acabava de decretar a censura postal e telegráfica, estabelecendo-se comissões de censura em Lisboa e no Porto. Certamente, a notícia referia-se à execução da Lei nº 495 de 28 de março de 1916 e ao decreto regulamentar nº 2308, de 31 de março de 1916, sobre “censura preventiva aos periódicos e outros impressos e aos escritos ou desenhos de qualquer modo publicados”, inicialmente sob tutela do Ministério do Interior mas, a partir de novembro de 1917, sob a direção do Ministério da Guerra (Ministério do Interior, 1916).

Os mapas aparecem invariavelmente na primeira página do periódico, em lugar de destaque, ocupando a posição central da página, tendo em média entre 10 a 15cm x 10 a 12cm. Todos eles são impressos a “preto e branco” e apresentam, na generalidade, os topónimos, a legenda e restante informação em português, denotando um cuidado especial em adaptá-los aos leitores.



Figura 2: *O Theatro da Guerra* (Mapa I do Comércio do Porto), 30/07/1914.

Todos os mapas estão numerados (em romano) e identificados como pertença/autoria do *O Comércio do Porto*, contudo, tal não significa que a autoria dos mapas lhe deva ser atribuída. Neste caso concreto, a maior parte dos 210 mapas é de origem inglesa, sendo o jornal *The Times* uma das fontes mais utilizadas, muito embora possam ter existido outros mapas provenientes de outros diários britânicos, mas também outros de origem francesa, italiana e, até alemã.

Quando não está indicada a origem do mapa, esta pode ser determinada pelos topónimos que não foram traduzidos, por algum elemento do mapa específico (o *The Times* utilizava sempre o mesmo símbolo para a orientação), pela utilização de unidades de medidas diferentes das portuguesas, mas também pelos temas e mensagens transmitidos que apenas diziam respeito aos britânicos: as batalhas onde participaram os exércitos ingleses, mapas que cartografam a defesa da costa da Grã Bretanha ou mesmo da cidade de Londres.

Seis mapas apresentam a indicação “croquis do Comércio do Porto”, fazendo supor que apenas estes foram criados pelo jornal, especialmente dirigidos ao público português, muito embora apenas o mapa CCXII *Situação em Moçambique*, de 1918, dê conta de manobras militares envolvendo diretamente o exército português.



Figura 3: À direita o mapa publicado no *The Times* em 28/07/1914 e à esquerda o mesmo mapa traduzido pelo *O Comércio do Porto*, em 15/08/1914

As movimentações nas frentes ocidental e oriental na Europa, foram as mais representadas nos mapas. A Turquia e o Médio Oriente, bem como as operações militares em África, particularmente na África Oriental, assim como os Balcãs, completam os mais

importantes cenários da guerra. Todas as imagens são acompanhadas por um comentário mais ou menos breve, que faz uma leitura e interpretação do mapa, o que parece indicar que havia uma clara intenção de fazer passar uma mensagem.

Pela análise dos mais de 200 exemplares foi possível estabelecer uma tipologia cartográfica, de acordo com as características de cada mapa. Assim, existem “Mapas Gerais” para a localização e/ou divulgação de acontecimentos”; “Mapas Militares”, que comportam várias subcategorias; “Mapas Geopolíticos” compostos por “mapas etnográficos” e por “mapas sugestivos ou de propaganda”.

Mapas Gerais

Os mapas de “localização e de divulgação” figuravam os locais onde se travavam as mais duras batalhas, identificavam e localizavam os beligerantes e forneciam enquadramentos geográficos sobre a evolução dos acontecimentos políticos e militares. Ou seja, estes mapas ilustravam a Guerra, dando conta dos esforços levados a cabo pelos respectivos países, tornando os nomes das regiões onde se situavam as frentes cada vez mais conhecidos entre a opinião pública.

Estes foram os primeiros mapas editados e, muitos deles, correspondem a esboços simplificados das regiões europeias que constituíram o palco dos primeiros confrontos, figurando um ou vários países, sendo, muitas vezes, identificados como “O teatro da Guerra”.

Ao longo do tempo, surgiram outros mapas à escala regional, utilizados para enquadrar os principais preparativos, movimentos e batalhas travadas nas diferentes frentes.

Integram esta tipologia os “mapas coloniais”. Elaborados numa perspectiva britânica, localizavam os territórios ultramarinos alemães em África e na Ásia, mostrando-os como possíveis conquistas e áreas de expansão do Império Britânico, assim se antevendo a mundialização do conflito.



Figura 4: *O theatro da guerra* (Mapa IV do Comércio do Porto), 6/08/1914.

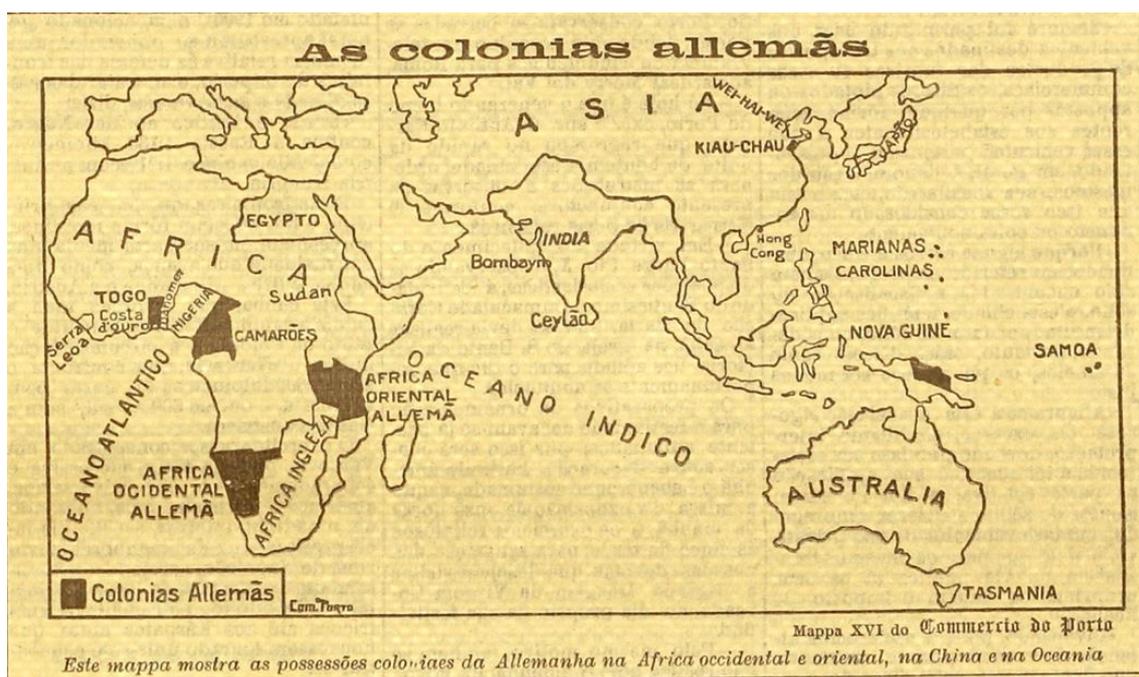


Figura 5: *As colonias allemãs* (Mapa XVI do Comércio do Porto), 22/08/1914.

Mapas Militares

Os “mapas militares”, aqueles que figuravam fenômenos estritamente bélicos, podiam ser de dois tipos principais: mapas terrestres e mapas navais. Assim, nos mapas terrestres, existem exemplos daquilo que poderíamos designar por “mapas estratégicos”, documentos compostos a escalas mais pequenas, que davam conta da organização e composição dos exércitos em confronto, bem como do seu posicionamento no terreno, e que parecem inspirar-se nos mapas do Estado-maior.

Deste modo, apesar de se destinarem ao grande público, a simbologia e a linguagem técnica são tipicamente militares, como fica bem patente no mapa da figura 6 cujo original fora publicado no *The Times*, em 28 de julho de 1914.



Figura 6: *As fronteiras russo-germânica e russo-austriacas* (Mapa XI do Comércio do Porto), 14/08/1914.

Os “planos de batalha”, constituem o principal exemplo deste tipo de mapa. Para além de localizar o cenário onde decorreram os combates, também mostravam as

posições e os movimentos das forças em confronto, numa escala maior que os anteriores. Para além da representação plana do território, alguns mapas foram compostos em perspectiva cavaleira (ou “voo de pássaro”), bastante comum nos documentos gráficos militares desde o início do século XIX.

Estes mapas mostram, quase sempre, a perspectiva aliada, assinalando os principais avanços nas diferentes frentes ou os preparativos defensivos contra os movimentos dos impérios centrais, especialmente na frente oriental que, desde o início do conflito, foi sempre muito mais móvel e mutável.

Para dar conta destas movimentações, os mapas faziam uso de técnicas especiais, com recurso a setas indicativas da direção do movimento das tropas, e sombreados para indicar áreas ocupadas ou conquistadas.

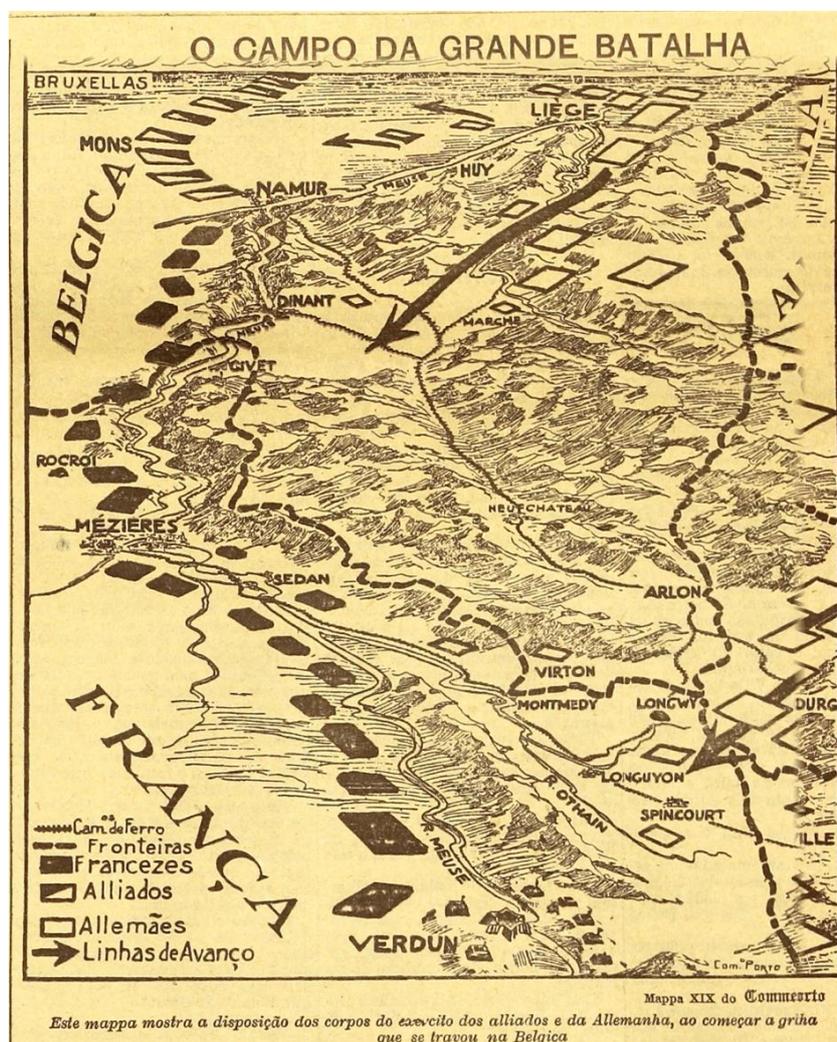


Figura 7: As fronteiras russo-germânica e russo-austríacas (Mapa XXIX do Comércio do Porto), 26/08/1914.

Para a composição do fundo dos “mapas estratégicos” e dos “planos de batalha”, eram selecionados os elementos naturais do território com especial interesse militar como o relevo, particularmente as montanhas, as florestas e os rios, bem como os elementos humanos como as cidades (em especial as fortificadas), as estradas, as pontes e os caminhos-de-ferro, de importância vital para assegurar as comunicações e a logística da guerra, ou a rede de canais de navegação que, por exemplo, na Flandres dificultava a movimentação das unidades de cavalaria.

Também foi possível encontrar mapas com algum detalhe topográfico que mostravam a organização das linhas de trincheiras, mais uma vez na perspectiva do lado aliado, claramente decalcados dos mapas militares oficiais. (Chasseaud, 1999).



Figura 8: *No Somme* (Mapa CLXXXXVI do Comércio do Porto), 15/10/1916.

Dos mapas militares terrestres, também fazem parte aqueles que mostravam as frentes de combate nos diferentes teatros de operações e a sua evolução temporal, fazendo uso de duas técnicas: reconstituir a evolução da frente de batalha cartografando-

a com diferentes símbolos sobre o mesmo mapa ou recorrendo a uma sucessão de mapas que davam conta da situação em diferentes momentos.



Figura 9: *Theatro Occidental* (Mapa CCXIV do Comércio do Porto), 11/06/1918.

Quanto aos mapas navais, estes incluem a localização das frotas e das Armadas, os locais de ataque e/ou combate e os dispositivos defensivos e/ou de bloqueio naval por parte dos aliados, em especial do Reino Unido. Muito naturalmente, estes mapas são em menor quantidade, dado que as batalhas navais foram em número reduzido, e datam quase todos do início do conflito, quando ainda se acreditava que as Armadas teriam um papel preponderante a desempenhar e se procurava adivinhar o local onde se travaria uma grande batalha naval (Dogger Bank), o que efetivamente veio a ocorrer em 1916, ainda que sem resultados decisivos.

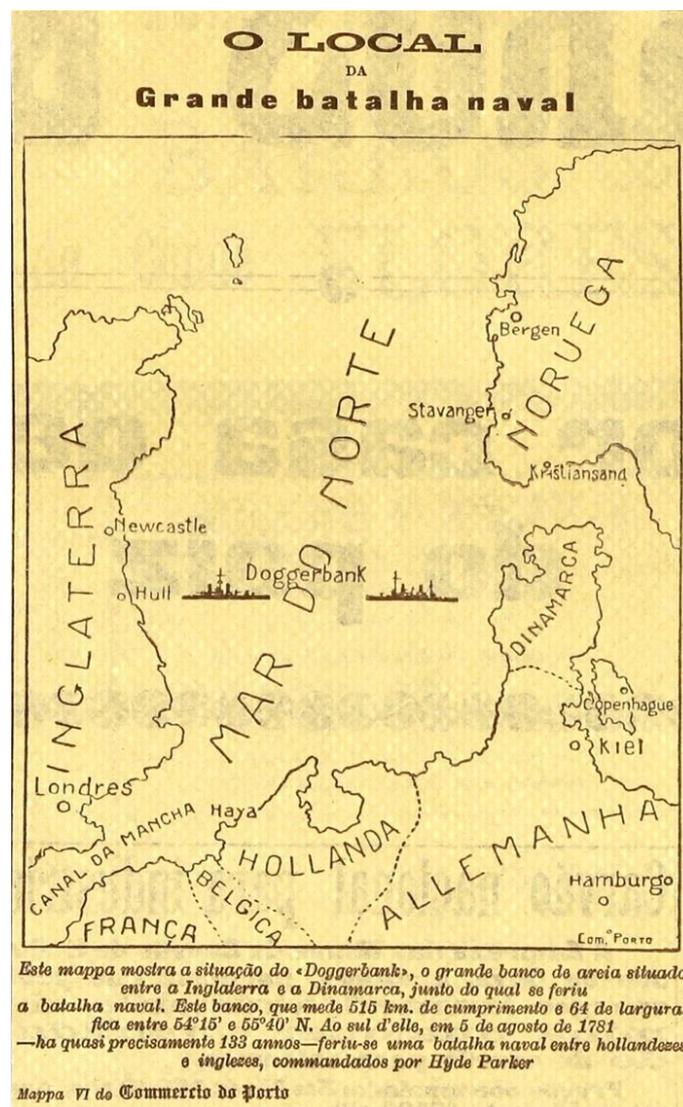


Figura 10: O local da Grande batalha naval (Mapa VI do Comércio do Porto), 09/08/1914.

Mapas Geopolíticos

a) Mapas Etnográficos

A cartografia etnográfica desenvolveu-se ainda na primeira metade do século XIX pelo contributo de autores alemães e austríacos que elaboraram os primeiros mapas linguísticos e de nacionalidades (ou etnográficos). Este tipo de mapas temáticos perseguia objetivos políticos concretos: enquanto os mapas linguísticos alemães reivindicavam a unidade da Alemanha e a formação de uma nova entidade nacional que congregasse os povos falantes de alemão, os mapas etnográficos austríacos visavam manter a unidade da monarquia Habsburg sobre a diversidade étnica e nacional existente dentro do Império (Labbé, 2007, p. 25-47).

Assim, desde o início, estabeleceu-se uma estreita relação entre este tipo de mapas e o seu uso (geo)político, e que se estreitou ao longo das décadas seguintes, ao serem invocados nas negociações diplomáticas entre os Estados. Contudo, foi durante as conversações preliminares do Tratado de Paz de 1919 para a reorganização da geografia política da Europa, que os mapas etnográficos se converteram em ferramenta política e diplomática privilegiada, alguns dos quais realizados por geógrafos que participaram neste processo (Boulineau, 2001, p.358-369; Palsky, 2002, p. 111-119).

Um dos vários mapas etnográficos desta coleção, é o mapa LXV, *Austria-Hungria*, que figura as diferentes etnias e nacionalidades (“povos de diferentes raças”, num total de nove) que compunham o Império Austro-Húngaro. É um mapa informativo, de rápida leitura e que parece ser uma simplificação dos mapas etnográficos da Áustria-Hungria publicados em diversos atlas desde, pelo menos, os finais do século XIX.

Em todo o caso, o mapa deixava antever não apenas a volatilidade etno-nacionalista no território austro-húngaro, como antecipava a necessidade de se proceder a uma reorganização da geografia política da Europa Central, após o final da Guerra.



Figura 11: *Austria-Hungria* (Mapa LXV do Comércio do Porto), 20/10/1914.

O mapa *A Guerra Austro-Italiana* (figura 12) figura o Norte de Itália na área fronteiriça com a Áustria, nas regiões do Trento e da Ístria. Esta região está cartografada com trama oblíqua e o comentário ao mapa elucida-nos que é uma região onde a maioria da população é de origem italiana, apesar de integrar a Áustria. Parece ser uma forma de mostrar ao público a necessidade de se promover a integração na Itália das regiões “irredentistas”, ajustando-se a fronteira política com a étnica-cultural.

Não por acaso, este mapa surgiu cerca de um mês após a assinatura do Tratado de Londres, onde, sob condição da Itália participar ativamente no conflito, no final deste, os aliados reconheceriam a integração daquele território no estado italiano, o que de facto veio a acontecer (Boria, 2015, p. 199-212).



Figura 12: *A guerra austro-italiana* (Mapa CXXXIV do Comércio do Porto), 30/05/1915.

Este caráter geopolítico e propagandístico do mapa etnográfico, para justificar uma reivindicação territorial, será amplamente usado pelas diferentes delegações nacionais durante as conversações de Paz, para ajustarem as novas fronteiras políticas entre os estados europeus, baseados no princípio da autodeterminação dos povos (Corrêa, 1921).

Será, também, o prelúdio da utilização dada pela *Geopolitik* alemã e, mais tarde, pela propaganda Nazi, aos mapas etnográficos que reivindicavam as perdas territoriais impostas pelo Tratado de Versalhes, no período entre Guerras Mundiais (Herb, 1997 e 2017, p. 427-438).

O mapa CXXXVIII *Os alemães na América*, que mostra a distribuição da população alemã, ou de origem alemã, a residir nos Estados Unidos da América é, na sua essência, para uso geopolítico.

Para isso utilizaram-se quadrados proporcionais ao número de habitantes, por estado americano, sem, contudo, se revelar a origem dos dados e, também, a inexistência de uma legenda, impede qualquer leitura rigorosa. Em todo o caso, uma vez que os quadrados foram pintados a preto, o contraste com o fundo branco da divisão estadual, permite uma fácil e imediata leitura do mapa.

Como se sabe, os Estados Unidos da América permaneceram neutrais durante os primeiros anos do conflito, apenas declarando a sua beligerância ao lado dos aliados em abril de 1917. Muito embora fosse comum uma opinião desfavorável sobre os Impérios Centrais, o facto de uma parte significativa da população americana, especialmente em alguns estados do “Midwest”, ser alemã ou de origem alemã, fazia temer atos de espionagem ou de sabotagem contra o país e os aliados, favorecendo o esforço de guerra alemão. Assim, um forte sentimento de desconfiança, perseguição, vigilância e controlo, por vezes com recurso à violência, foi exercido sobre as comunidades de origem austro-alemã (Wüstenbecker, 2018).

Desta forma, foi possível aos Estados Unidos, mesmo antes da entrada oficial na Guerra, manter um clima pró-belicista e interventivo ao lado dos Aliados, o que, associado a uma intensa campanha propagandística, impediu que se generalizasse na Opinião Pública uma posição favorável à manutenção da neutralidade (McFadden, 2012; Hamilton, 2020).

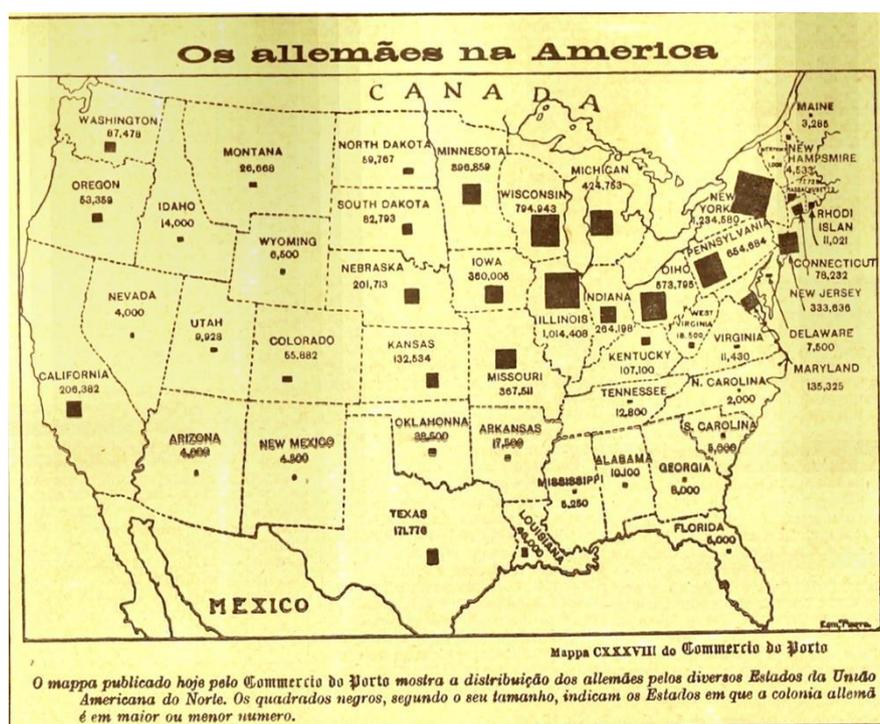


Figura 13: *Os alemães na America* (Mapa CXXXVIII do Comércio do Porto), 27/06/1915.

b) Mapas “Sugestivos” e/ou de Propaganda

A “cartografia sugestiva” foi amplamente desenvolvida pela *Geopolitik* alemã durante o período de entre Guerras, com uma forte conotação de propaganda política nazi, mas teve a sua génese anteriormente, especialmente durante a Primeira Guerra Mundial (Fernandes, 2013, 175-183). Estes mapas, mais do que o rigor científico, valorizavam o seu conteúdo comunicacional, neste caso, a transmissão de uma mensagem geopolítica.

A principal característica deste tipo de mapas é o facto de assentarem em desenhos e símbolos simples, sem sobrecarregarem o fundo do mapa, de forma a transmitirem a mensagem o mais eficazmente possível. O principal objetivo a atingir pela divulgação destes mapas seria o de manipular a opinião pública no sentido de apoiar a causa aliada e de mostrarem os Impérios Centrais como a principal ameaça para a Paz europeia e mundial (Muehlenhaus, 2011, p. 28-29).

Vários mapas apontavam ou sugeriam alterações na geografia política europeia. O mapa CVII intitulado *O sonho pangermanista*, apresentava a concretização do plano de expansão do Império alemão que se materializaria na “Grande Alemanha”, no caso de sair vencedor da Guerra. A toponímia em alemão, parecia constituir mais uma prova da origem alemã do mapa.

No entanto, um pouco contrariamente à corrente defendida pela Liga Pangermânica (criada em 1891), que advogava uma Grande Alemanha formada pelos territórios de língua e cultura germânica que se estendem pela Europa Central (*Mittleuropa*), este mapa mostra uma Alemanha que se estende por toda a parte Norte da Europa Central e Ocidental, ocupando países como a França (agora reduzida apenas ao País Basco), a Bélgica, parte dos Países Baixos e a Grã-Bretanha.

Para completar a imagem de ameaça e de cerco às democracias ocidentais, toda a parte Sul da Europa Central e de Leste, bem como a Irlanda, integrariam o Império Austro-húngaro, ficando a Rússia confinada à Península da Crimeia.

A mensagem não podia ser mais clara, os Impérios Centrais constituíam uma séria ameaça para as restantes nações europeias e, como se podia constatar pelo ataque dirigido contra a Bélgica neutral, caso os alemães não fossem parados nos campos de batalha da França, a independência deste país e a do Reino Unido, estariam comprometidas.



Figura 14: *O Sonho pangermanista* (Mapa CVII do Comércio do Porto), 13/12/1914.

Sugestivos também são os mapas número XLV e XLVI *A futura Europa* (figura...), antecipando-se dois cenários de reordenamento geopolítico provocado pelo conflito, de acordo com duas perspectivas opostas. O primeiro mostra como ficaria o mapa político da Europa na perspectiva alemã, em caso de vitória dos aliados. A Alemanha ficaria reduzida a uma parcela de território mais pequena que a Bélgica, sendo o restante

território repartido entre Inglaterra, França e Rússia. É o embrião da “mentalidade de cerco” que a *geopolitik* irá explorar durante as décadas de 1920 e 1930.

O segundo mapa, mostra a divisão política da Europa, na perspectiva aliada, em caso de vitória alemã. Toda a Europa Central e Oriental seria dividida entre os Impérios Centrais, e a Europa Ocidental integrada no Império alemão, na forma de “província imperial germânica”, como no caso da França ou na forma de um “Protetorado Germânico”, no caso da Inglaterra.



Figura 15: *A futura Europa* (Mapa XLVI do Comércio do Porto), 27/09/1914.

estações navais inglesas. Muito naturalmente, a Armada britânica (a Home Fleet) continuava a ser a principal garantia de defesa e da inviolabilidade da Grã-Bretanha e da Irlanda, mas pela primeira vez na História, o seu poder estava diretamente ameaçado por uma nova arma recentemente chegada ao teatro de operações: a força aérea.

Este exemplar pode, até, constituir um exemplo de contrapropaganda britânica. Efetivamente, de acordo com a legenda que o acompanha, a sua proveniência é alemã, pelo que, presumivelmente, a sua função inicial seria o de promover propaganda política e ideológica a favor do esforço de guerra alemão, mas para o público britânico e aliado, as mesmas imagens constituíam provas reais da ameaça de agressão pelos Impérios Centrais e legitimava a intervenção da Força Expedicionária Britânica na Flandres, de modo a garantir a segurança nacional da Grã-Bretanha.

A partir deste mapa, podemos fazer um paralelismo com alguns dos mais iconográficos mapas sugestivos editados no *Zeitschrift für Geopolitik* durante a década de 1930, ilustrando o “perigo do cerco” à Alemanha pelos seus diretos inimigos, tal como pode ser visto no mapa *Ein Kleinstaat Bedroht Deutschland* da autoria de Rupert von Schumacher, publicado em 1934, onde se mostra ao público alemão o perigo e a ameaça (real ou imaginada) à sua segurança causada pela aviação checoslovaca, o que, de certa forma, legitimava a pretensão alemã de ocupação dos Sudetas – figura 16 (Lima, 2018).

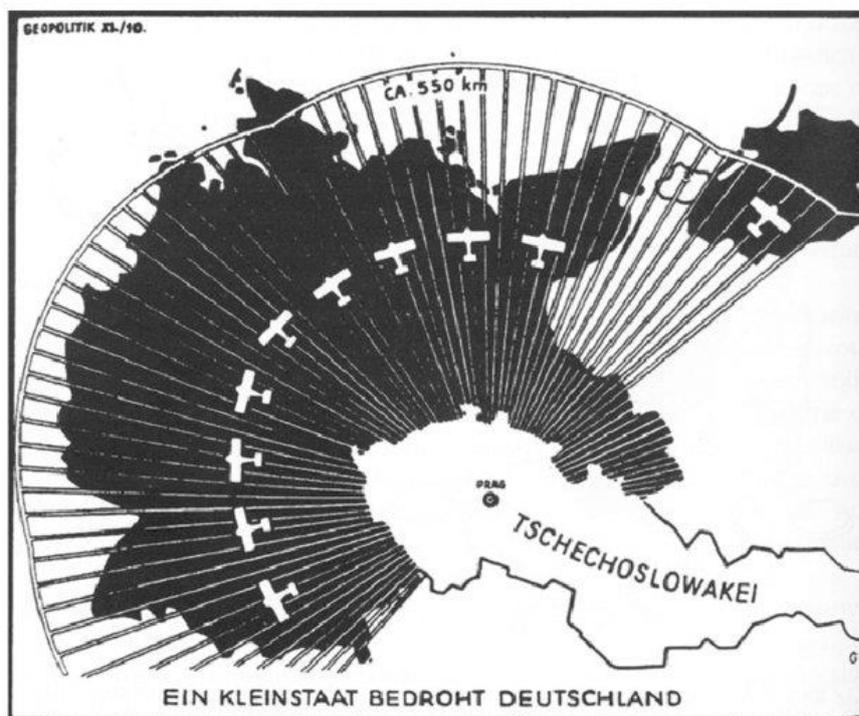


Figura 16: Ein Kleinstaat Bedroht Deutschland (Um Pequeno Estado ameaça a Alemanha) *Zeitschrift für Geopolitik*, 1934.

O último exemplar deste tipo de mapas aqui analisado, o mapa CC *A Guerra*, faz um balanço geral da Guerra na Europa. A figuração dos Impérios Centrais a negro, e os aliados representados a branco, faz um contraste assinalável. A atenção do olhar é, de imediato, captada para a extensão territorial do conjunto formado pela Alemanha, a Áustria-Hungria e a Turquia, e respetivos aliados, e os territórios, entretanto conquistados, sobretudo na frente leste.



Figura 17: *A Guerra* (Mapa CC do Comércio do Porto), 21/01/1917.

À primeira vista, a mensagem do mapa poderia ser mal compreendida, pois o balanço da ocupação geográfica parece ser claramente favorável aos Impérios Centrais. Contudo, os autores utilizaram uma técnica gráfica de manipulação da informação ao acrescentarem dois círculos proporcionais representativos das conquistas territoriais, com a indicação de que no caso dos Aliados, estas incluíam os territórios coloniais.

Deste modo, ficava esclarecido e à vista de todos, que os Aliados estavam a ganhar a Guerra pois, mesmo que a situação europeia continuasse num impasse na frente

ocidental e fosse desfavorável na frente leste, no Médio Oriente, na Ásia e em África a situação era favorável à causa aliada.

Conclusões

Parece evidente, pela análise dos mapas publicados pelo *O Comércio do Porto* entre 1914 e 1918, que o embrião da cartografia geopolítica – mais tarde teorizada, desenvolvida, aperfeiçoada e, aparentemente, institucionalizada pela Escola de *Geopolitik* alemã – foi desenvolvido no Reino Unido por necessidades de propaganda política, interna e externa, particularmente junto de países aliados ou próximos da causa britânica, fazendo uso dos canais de informação e da imprensa. Deste modo, a mensagem política estava acessível à Opinião Pública.

Foi neste contexto que o jornal portuense adoptou e transmitiu, à semelhança dos restantes periódicos nacionais, a propaganda aliada usando a imagem, em particular a cartográfica. Contudo, os mapas do *O Comércio do Porto* revelam uma preocupação em adaptar a mensagem ao público português, visível não só pelo cuidado em traduzir os nomes e topónimos, como também em criar os seus próprios *croquis* geopolíticos.

Após o final do conflito, esta campanha de propaganda não terá ficado esquecida e algumas destas técnicas cartográficas ensaiadas pelo jornal foram reutilizadas para suporte dos programas geopolíticos, tanto dos governos republicanos e como dos da ditadura: a integração e defesa dos domínios coloniais, particularmente em África.

De forma ilustrativa, analisemos o mapa CCII, onde se sobrepõem as colónias alemãs, cartografadas com trama, ao mapa da Europa como fundo, tendo sido posicionadas sobre os territórios dos Impérios Centrais e seus aliados. O mapa não serve para demonstrar a extensão do império alemão, mas sim para mostrar que aquelas colónias conquistadas pelos aliados, ocupam uma área mais extensa do que toda a área ocupada pelos Impérios Centrais, seus aliados e territórios conquistados na Europa. Se a mensagem do mapa não era suficientemente explícita, o comentário anexo dissipa qualquer dúvida: “A ruína do império colonial germânico está neste mappa bem patente”. A intenção é claramente menorizar os feitos e as conquistas alemãs na Europa, mostrando, através das conquistas coloniais que, globalmente, a vantagem era dos aliados.



Figura 18: *As colônias alemãs* (Mapa CCII do Comércio do Porto), 04/03/1917.

Será impossível não estabelecer um paralelismo com o mais icônico dos mapas geopolíticos portugueses do século XX. Intitulado de *Portugal não é um país pequeno*, da autoria de Henrique Galvão, foi editado pela Sociedade de Propaganda Nacional aquando da Exposição Colonial Portuguesa, realizada na cidade do Porto, em 1934 (figura 19). Nesta imagem, o autor utilizou a mesma técnica cartográfica para passar a mensagem de grandiosidade geográfica e unidade imperial, sobrepondo ao fundo composto pela Europa, as colónias portuguesas.

Em todo o caso, o tipo de linguagem cartográfica utilizada neste, como noutros mapas ao longo das décadas seguintes, não era, de todo, desconhecida do público português.



Figura 19: *Portugal não é um país pequeno* (S.P.N), 1934.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARCASSA, Wesley e MOURÃO, Paulo Fernando (2011). Karl Haushofer: a Geopolitik alemã e o III Reich. *GeoAtos. Revista de Geografia em Atos*, 11 (1): 1-14.
- BESSA, António Marques e DIAS, Carlos Manuel (2007). *O Salto do Tigre*. Lisboa: Prefácio.
- BORIA, Eduardo (2008). Geopolitical Maps: a sketch History of a neglected trend in Cartography. *Geopolitics*, 13: 278-308.
- BORIA, Eduardo (2015). Violence Beyond Trenches: Ethnographical Maps from Science to Propaganda and the Case of the Julian March in BIAGINI, Antonello and MOTTA, Giovanna (eds.) *The First World War: Analysis and Interpretation*, Vol. 1, Newcastle upon Tyne: Lady Stephenson Library, p. 199 - 212.
- BORTULUCCE, Vanessa (2010). O uso do cartaz como propaganda de guerra na Europa – 1914-1918, *Observatorio (OBS*) Journal*, 4(3): 319-333.
- BOULINEAU, Emmanuelle (2001). Un géographe traceur de frontières: Emmanuel de Martonne et la Roumanie. *L'Espace géographique*, 4: 358-369.
- CAIRO, Heriberto (2006). Portugal is not a Small Country: Maps and Propaganda in the Salazar Regime, *Geopolitics*, 11: 367-395.
- CAIRO, Heriberto (2011). La Geopolítica como “Ciencia del Estado: el mundo del general Haushofer. *Geopolítica(s). Revista de estudios sobre espacio y poder*, 3 (2): 337-345.
- CARVALHO, Alberto Arons de (s/d). *A censura e as leis de imprensa*. Lisboa: Ed. Seara Nova.

- CLAVAL, Paul (1994). *Géopolitique et géostratégie. La pensée politique, l'espace et le territoire au XXe siècle*. Paris: Éditions Nathan.
- CORREIA, Pedro Pezarat (2004). *Manual de Geopolítica e Geoestratégia*. Vol. I, Lisboa: Ed. Quarteto.
- CURADO, Gonçalo Saraiva Loureiro Rego (2013). *Entre a Neutralidade e a Beligerância: A Europa do Sul face à I Guerra Mundial*. Dissertação de Mestrado em História Contemporânea Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- DALBY, Simon e TUATHAIL, Gearóid Ó. (Eds.). (1998). *Rethinking Geopolitics*. London: Routledge.
- DEFARGES, Philippe Moreau (2003). *Introdução à Geopolítica*. Lisboa: Gradiva.
- FERNANDES, Marisa (2013). The cartography as propaganda weapon and the instrumentalization of the German School of Geopolitics (1933-1945) in ROLLO, Maria Fernanda, PIRES, Ana Paula and NOVAIS, Noémia Malva (ed.) *War and propaganda in the XXth Century* [Electronic Document]. Lisboa: IHC, CEIS20.
- FERNANDES, Marisa (2014). *Geopolítica da Alemanha na Primeira Guerra Mundial: o caso do Sudoeste Africano*. *Revista de Ciências Militares*, II (1): 65-86.
- FREITAS, Jorge Manuel Costa (2004). *Karl Haushofer, Geopolitik e Actualidade: breves notas*. *Revista Militar*, 2434: 1-10.
- GERTZ, Nolen (2009) *Censorship, Propaganda, and The Production of "Shell Shock" in World War I* in Nolen Gertz (ed.) *War Fronts: Interdisciplinary Perspectives on War, Virtual War and Human Security*, Oxford: Inter-Disciplinary Press.
- HERB, Guntram Henrik (1997). *Under the map of Germany - Nationalism and propaganda 1918-1945*. London: Routledge.
- LABBÉ, Morgane (2007). *Les usages diplomatiques des cartes ethnographiques de l'Europe centrale et orientale au xixe siècle*. *Genèses*, 3 (68): 25-47.
- LIMA, Helena Laura Dias de (2008). *Os Diários Portuenses e os Desafios da Actualidade na Imprensa: Tradição e rupturas*. Dissertação de Doutoramento em História, Faculdade de Letras - Universidade do Porto.
- LIMA, Ivaldo Gonçalves (2018). *A cartografia geopolítica no rastro do geógrafo-general Karl Haushofer*. *Terra Brasilis* [En línea], 10. URL: <http://journals.openedition.org/terrabilis/3264>
- MARQUES, Ricardo (2014). *1914 Portugal no ano da Grande Guerra*, Lisboa: Oficina do Livro.
- MARQUIS, Alice Goldfarb (1978). *Words as Weapons: Propaganda in Britain and Germany during the First World War*. *Journal of Contemporary History*, 13 (3): 467- 498.
- MOREIRA, Luís Miguel (2019). *A República e a Monarquia em confronto: a Guerra Civil portuguesa na raia galega (1911- 1912)*. *REVISTA DE HISTORIOGRAFÍA (RevHisto)*, 30: 97-118. <https://doi.org/10.20318/revhisto.2019.4745>
- MUEHLENHAUS, Ian (2011). *Genealogy That Counts: Using Content Analysis to Explore the Evolution of Persuasive Cartography*. *Cartographica*, 46 (1): 28-40.
- MUÑOZ, Marie-Claude (2009). *Les Relations Franco-Portugaises de 1916 à 1918*. *Revista Mosaico*, 2(1): 68-72.

PALSKY, Gilles (2002). Emmanuel de Martonne and the ethnographical cartography of central Europe (1917-1920). *Imago Mundi*, 54 (1): 111-119.

PEIXINHO, Ana Teresa (2009). O Epistolar como modo comunicacional da imprensa de opinião no século XIX in *Actas da VI SOPCOM*, Lisboa: Universidade Lusófona, pp. 2826 – 2840.

PEREIRA, Aline (2012). Imprensa e Primeira Guerra Mundial – Objetividade e Neutralidade nas Páginas dos Periódicos da Época in *Atas do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Fortaleza: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 1-13.

MINISTÉRIO DO INTERIOR (1916). Lei nº 495. *Diário do Governo*, I Série, nº 59.

MINISTÉRIO DO INTERIOR (1916). Decreto nº2308. *Diário do Governo*, I Série, nº 62.

SILVA, Altiva Barbosa da (2003). A Geopolítica alemã na República de Weimar: o surgimento da Revista de Geopolítica. *Estudos Geográficos*, 1(2): 1-15.
www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm

SOUSA, Jorge Pedro (2020). Para uma história do jornalismo iconográfico em Portugal. Das origens a 1926. Lisboa: ICNOVA – Instituto de Comunicação da Nova.

STUART, Campbell (1920). *Secrets of crew house*. London: Hodder and Stouhghton.

WÜSTENBECKER, Katja (2018). German-Americans during World War I [página web].
<http://www.immigrantentrepreneurship.org/entries/german-americans-during-world-war-i/>